



DO JORNAL AO LIVRO:
A TRAJETÓRIA DA CRÔNICA
ENTRE A POLÊMICA E O SUCESSO

Luiz Carlos Santos Simon



O estudo da crônica na qualidade de um texto literário esbarra, logo nas páginas iniciais de qualquer ensaio sobre o assunto, na controvérsia gerada por seu veículo de origem: o jornal. Não que professores de literatura, jornalistas, críticos literários e teóricos julguem de antemão que o fato de serem as crônicas publicadas antes em jornais deverá necessariamente privá-las de um estatuto artístico, mas esta peculiaridade no trajeto da crônica parece requerer dos estudiosos a lembrança inevitável deste vínculo que a situa num espaço intermediário, de caracterização diferenciada.

É natural que exista este cuidado, pois os cronistas desenvolvem com as empresas jornalísticas uma relação particularizada. Estão em jogo contratos, cláusulas, prazos que não devem ser confundidos com o que rege o envolvimento de contistas e romancistas com as editoras. Não só os textos são mais curtos em extensão, em comparação com um livro de contos ou com um romance, mas também o tempo de que dispõe o escritor para escrevê-los e encaminhá-los. Alguns cronistas, como Luis Fernando Verissimo, por exemplo, chegaram a ter seis textos diferentes publicados por semana em jornais. Além disso, deve-se considerar que, nas últimas décadas, o espaço reservado nos jornais a contos, romances ou poemas é muito menor do que aquele assegurado regularmente pela crônica. Outro aspecto importante está em ressaltar o conjunto dos textos publicados em uma edição de jornal e confrontá-lo com o que normalmente se considera “literatura”.

Muitas diferenças podem ser apontadas facilmente, mas aí também cabe registrar uma espécie de ambivalência da crônica que se distingue das notícias jornalísticas mais convencionais, porém não se desvincilha inteiramente da matéria cotidiana que orienta todas as manifestações da imprensa. Finalmente, é necessário considerar a multiplicidade de textos que acabam recebendo a designação “crônica”. Crônicas policiais, políticas e esportivas são expressões comuns e constam dos jornais; entretanto, suas afinidades com a qualificação literária são mínimas, exigindo ainda distinções mais apuradas.

Assim, vejamos como se organizam algumas reflexões sobre esta relação entre crônica e jornal. Uma imagem utilizada por Antonio Candido auxilia bastante na concepção de que não se deve menosprezar o nó entre o texto e seu veículo. Ele lembra que a crônica “não foi feita originariamente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha”. (Candido, 1992, p. 14). Esta imagem ressalta as características do jornal que não são ignoradas pelos cronistas, o que equivale a dizer que a transitoriedade do veículo é incorporada pela própria crônica, revelando, portanto, uma ausência de pretensões no gênero. A ressalva a respeito de um vínculo a ser cultivado também com o livro, como um canal secundário, já antecipa, contudo, alguns desdobramentos sobre a natureza da crônica.

Antes de prosseguirmos no raciocínio estabelecido por Candido, a ser retomado em breve, observemos como outros profissionais, o primeiro ligado à literatura e o segundo pelo viés do jornalismo, enfrentam a idéia de que as relações entre crônica e jornal não são construídas somente através de afinidades. Davi Arrigucci Jr. adverte sobre determinadas divergências: “À primeira vista, como parte de um veículo como o jornal, ela parece destinada à pura contingência, mas acaba travando com esta um arriscado duelo, de que, às vezes, por mérito literário intrínseco, sai vitoriosa.” (Arrigucci Jr., 1987, p. 53). Nas reflexões do jornalista e professor universitário Marcelo Coelho, sobressaem avaliações semelhantes: “O que se pode dizer (...) é que a crônica se apresenta como um texto literário dentro do jornal, e que sua função é a de ser uma espécie de avesso, de negativo da notícia.” (Coelho, 2002, p. 156). Os dois diagnósticos apontam para uma relação não muito estável entre crônica e

jornal, o que pressupõe a viabilidade de um outro espaço no qual a produção dos cronistas possa circular. Este espaço alternativo é o livro, como se pode verificar pelo questionamento de Afrânio Coutinho: “Não será antes [a crônica] um gênero anfíbio que tanto pode viver na coluna de um jornal como na página de um livro?” (Coutinho, 1986, p. 135). Embora se pudesse pensar numa resposta simples para esta pergunta, localizamos também em torno deste assunto algumas controvérsias.

Amparado nas avaliações feitas no início dos anos 1930 por Alceu Amoroso Lima, e depois por outros críticos que o sucederam, Massaud Moisés resolve atacar a inclusão das crônicas em livro, considerando este veículo inadequado em comparação ao jornal.

No livro, porém, a crônica sugere o reparo de Tristão de Ataíde e gera a monotonia, e o possível sobressalto que acompanha a leitura duma boa crônica de jornal se atenua pela expectativa de uma sensação análoga oferecida pela leitura de um texto colocado a seguir. Mais do que o poema, a crônica perde quando lida em série; reclama a degustação autônoma, uma a uma, como se o imprevisível fizesse parte de sua natureza, e o imprevisível colhido na efemeridade do jornal, não na permanência do livro. Eis porque raras crônicas suportam releitura; é preciso que ocorra o encontro feliz entre o motivo da crônica e algo da sensibilidade do escritor à espera do chamado para vir à superfície (Moisés, 1982, p. 110).

Esta perspectiva de um deslocamento e do equívoco que seria destinar à crônica um novo endereço não prevê uma identidade absoluta entre o texto e seu veículo original, mas ressalta uma perda no impacto que o gênero suscitaria apenas quando confrontado com textos de outra natureza. Trata-se de argumento duvidoso, uma vez que não é porque o leitor tem em mãos um livro que ele necessariamente fará uma leitura em série dos textos ali incluídos. Além disso, querer determinar, antever ou adivinhar a reação dos leitores constitui uma atitude sujeita a outras formas de equívoco. O que

garantiria o insucesso de uma iniciativa editorial que visaria a materializar, a reunir as crônicas em um outro objeto, o livro, permitindo um outro modo de encontrar e reencontrar aquele material? Será que disponibilizar em livro estes textos altera, de alguma forma, a constituição dos mesmos? Nem todos os críticos pensam assim.

Eduardo Portella, ainda na década de 1950, portanto após a avaliação de Alceu Amoroso Lima e vinte anos antes do endosso de Massaud Moisés, prefere usar os livros de crônicas como pontos de partida para outras constatações:

A constância com que vêm aparecendo, ultimamente, os chamados livros de crônicas, livros de crônicas que transcendem a sua condição puramente jornalística para se constituir em obra de arte literária, veio contribuir, em forma decisiva, para fazer da crônica um gênero literário específico, autônomo (Portella, 1958, p. 111).

Este modo de compreender o fenômeno diverge das conclusões expressadas por Massaud Moisés. Não se trata de estabelecer um levantamento de prejuízos no trajeto que a crônica faz do jornal ao livro. Já nos anos 50 os livros de crônicas existem e são lançados com um ritmo tão intenso que Portella é levado ao desejo de examinar a caracterização do gênero e seu processo de afirmação dentro do quadro de produções literárias. Cabe aqui realizar um mapeamento deste contraste entre a movimentação editorial ligada aos livros de crônicas e estas manifestações da crítica literária.

Quando Alceu Amoroso Lima se pronunciou contra a inclusão de crônicas em livros, o ano era 1933, o mesmo em que Rubem Braga publicava seus primeiros textos em jornais, e seu primeiro livro surgiria somente três anos depois. O referencial do crítico, portanto, não poderia ser o cronista capixaba, o que ajuda a compreender melhor aquele posicionamento. Não pretendo aqui



desprezar nem condenar a crônica anterior a Rubem Braga, mas é preciso reconhecer o aparecimento desse autor como um marco que redefine traços e caminhos do gênero. Quando Eduardo Portella se manifesta sobre o assunto — o artigo consta de livro publicado em 1958 —, o quadro já está bem diferente: Rubem Braga possuía nove títulos publicados, além de já se registrarem edições de Carlos Drummond de Andrade, Lêdo Ivo e Fernando Sabino, entre outros. Vinte anos após, o conjunto editorial de livros de crônicas havia crescido ainda mais, o que torna difícil de justificar a opção crítica de Massaud Moisés. De qualquer modo, é interessante verificar que mais ou menos na mesma época, final dos anos 1970 e início dos anos 1980, Antonio Candido é outro crítico a encarar de forma positiva o novo espaço ocupado pela crônica: “quando passa do jornal ao livro, nós verificamos meio espantados que a sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava.” (Candido, 1992, p. 14). É para acrescentar alguns elementos a este debate que passamos a apresentar dados sobre edições, reedições e coleções de livros de crônicas, com o intuito de fundamentar a importância deste modo de veiculação do gênero.

Faz-se necessário assinalar que a atenção dedicada ao número de edições dos livros de crônicas não corresponde à qualquer expectativa de atribuir valor estético aos volumes em questão. O que está em jogo é a validade de uma iniciativa editorial que pretende disponibilizar a produção dos cronistas em um formato diferente do jornal e a verificação do retorno que os leitores dão a esta iniciativa. Assim, foram selecionados quatro autores com características e

trajetórias diferenciadas: Rubem Braga, com uma projeção quase exclusiva a partir da condição de cronista; Carlos Drummond de Andrade, onze anos mais velho que Braga, mas famoso sobretudo pela produção em verso e adepto da crônica publicada em livro apenas depois de 1957; Luis Fernando Verissimo, um fenômeno editorial no gênero, a partir da década de 90; e Martha Medeiros, entre os quatro, a cronista mais recente.



O caso de Rubem Braga é bastante expressivo. Somente três anos após seu surgimento nas páginas de jornais em 1933, e ainda muito jovem — 23 anos —, seu primeiro livro é acolhido por uma editora de porte na época, como a José Olympio. O gênero

cultivado nesta ocasião era exclusivamente a crônica. Deste ano de 1936 até os dias atuais, mesmo após sua morte em 1990, vários títulos foram publicados, dentre os quais podem ser destacados: *Ai de ti, Copacabana!*, de 1960, hoje na 21ª. edição; *200 crônicas escolhidas*, lançado em 1978, agora na 18ª. edição; *A borboleta amarela*, na 10ª. edição atualmente; *O verão e as mulheres*, na 9ª. edição; e *Recado de primavera*, que está na 7ª. edição. Cabe ainda salientar que quase nenhum dos títulos do autor se encontra esgotado e que o projeto gráfico da capa de vários livros passou recentemente por uma reestruturação, o que demonstra a atenção da editora com estas publicações. As crônicas de Braga encontram-se ainda em muitas antologias e coleções, destacando-se a “Para Gostar de Ler”, sucesso editorial da Ática desde a década de 1970.

No que diz respeito à produção de Carlos Drummond de Andrade, temos uma situação ligeiramente diferente. Sua primeira publicação data de 1930, mas corresponde

ao lançamento de um livro de poemas, gênero responsável até hoje pela sua grande projeção. Para se ter uma idéia da proporção entre a representatividade da obra em versos e do conjunto de crônicas, é possível mencionar a organização de um congresso realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2002, por ocasião do centenário de nascimento do autor. Na proposta do evento, havia um temário com mais de vinte opções: uma delas era “Drummond cronista”; é quase desnecessário dizer que não havia a alternativa “Drummond poeta”. Se o livro de crônicas de estréia do autor for mesmo considerado *Fala, amendoeira*, de 1957, há que se perceber um desequilíbrio entre suas publicações em cada gênero. Mesmo assim, o desempenho do cronista Drummond em livros deve ser visto como um grande êxito a julgar pelos seguintes dados: *Cadeira de balanço* está na 19ª. edição; *O poder ultrajovem* encontra-se na 17ª. edição; *Fala, amendoeira* já atingiu a 14ª. edição; *A bolsa e a vida* está na 13ª.; e *Boca de luar*, lançado em 1984, já teve 9 edições. Se quisermos comparar com desempenho dos livros de poemas, não teremos diferenças tão significativas: *A rosa do povo*, possivelmente a publicação mais conhecida, está na 24ª. edição.



Luis Fernando Verissimo é sem dúvida um fenômeno editorial brasileiro. Desde 1973, quando estreou em livro com *O popular* — e de lá para cá já foram lançados mais de 50, o que praticamente perfaz a média impressionante de dois títulos por ano —, o autor consegue transferir seu êxito dos jornais para as estantes de livrarias. Ao longo da carreira, já são 5 milhões de exemplares vendidos, dos quais pelo menos 3 milhões desde 2000 (Cf. Graieb, 2003). Antes disso, já havia

desfrutado de grande sucesso em títulos como *A mulher do Silva*, *O analista de Bagé* e *Comédias da vida privada*, volume lançado em 1994 e que dois anos depois já atingia a 21ª. edição. A repercussão das *Comédias*, aliás, foi tão estrondosa que deu origem a *Novas comédias da vida privada* e mais recentemente *O melhor das Comédias da vida privada*, coletânea publicada pela Objetiva. Nesta editora, já foram lançados 13 títulos entre 2000 e 2004. O primeiro deles foi justamente *As mentiras que os homens contam* que alcançou, em apenas três anos, a 25ª. edição e a marca de 310.000 exemplares vendidos.



Para não se considerar Verissimo um caso isolado do êxito contemporâneo da crônica em livro, trazemos uma outra cronista também do Rio Grande do Sul. A carreira de Martha Medeiros no gênero é

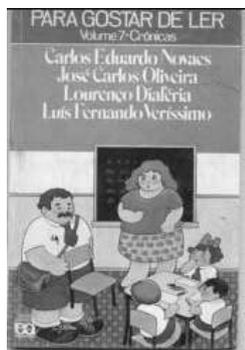
muito mais recente, pois se divide com algumas incursões pela poesia: a primeira publicação de crônicas em livro ocorre somente na década de 90, em 1995, o que não impede que três dos volumes subseqüentes — *Non-stop*, *Trem bala* e *Montanha russa* — já tenham atingido a quinta edição. O curioso em relação a este último título é que as cinco edições foram obtidas em apenas dois meses, entre outubro e dezembro de 2003. Cabe destacar que a projeção da autora é relativamente restrita: suas colaborações principais são encaminhadas ao jornal *Zero hora*, de Porto Alegre, e ao site “Almas gêmeas”, além do início de sua colaboração no jornal *O Globo*, no decorrer de 2004.

Também no âmbito das reedições é possível medir o prestígio editorial da crônica. Em 1996, Fernando Sabino ganha aquela que provavelmente é a edição mais sofisticada da

área das letras: em três volumes, a Editora Nova Aguilar lança sua *Obra reunida*. Vale frisar que a maior parte do livro é composta de crônicas e não dos romances escritos pelo autor. Três anos depois, em 1999, a Editora Civilização Brasileira põe em ação um projeto para reeditar as crônicas de Paulo Mendes Campos com novo agrupamento temático e títulos criados pelo organizador Flávio Pinheiro: *O amor acaba: crônicas líricas e existenciais* e *Cisne de feltro: crônicas autobiográficas* são dois exemplos. A iniciativa conta em 2004 com a publicação de cinco títulos. A mesma editora, através da organização de Joaquim Ferreira dos Santos, resgata em volume único algumas crônicas de Antônio Maria. Trata-se de *Benditas sejam as moças*. Se a obra chega solitária, um outro lançamento simultâneo — *O diário de Antônio Maria* — colabora para retirar o autor de um certo ostracismo no meio editorial.

Se deslocarmos nossa atenção de autores e edições mais contemporâneos para outros períodos da história literária, teremos ainda demonstrações do papel relevante que a crônica ocupa quando incluída em livros. A lista de escritores que obtiveram reconhecimento crítico através de seus romances ou poemas e que também contribuíram com crônicas, mais cedo ou mais tarde publicadas e reeditadas em livros, é enorme. Além de Carlos Drummond de Andrade já citado por esta particularidade, podem ser mencionados: José de Alencar, Machado de Assis, Raul Pompéia, Olavo Bilac, Lima Barreto, Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, Cecília Meireles, Vinicius de Moraes e Nelson Rodrigues. Trata-se de uma relação seleta, composta integralmente por nomes dos mais valorizados no cânone literário brasileiro. É possível que alguns dos volumes de crônicas destes autores não sejam encontrados atualmente nas livrarias, mas nas bibliotecas o lugar é garantido pelos

valores múltiplos que eles encerram. Afinal, como desafia Margarida de Souza Neves: “Em que outro documento será possível encontrar o cotidiano monumentalizado como na crônica?” (Neves, 1995, p. 25). De fato, o material publicado dialoga com a época em que os textos foram escritos e com o restante da obra de cada autor, proporcionando um inestimável objeto de pesquisa para diversas áreas do conhecimento.



Dois coleções de editoras merecem ainda destaque neste mapa do êxito de que desfrutaram os livros de crônicas. A primeira é a coleção “Para Gostar de Ler”, da Editora Ática, lançada em 1977 e ainda em atividade, com cerca de dois volumes lançados por

ano. Não se trata de um projeto editorial destinado exclusivamente à publicação de crônicas, mas é inegável o papel preponderante desempenhado pelo gênero ao longo de quase trinta anos do funcionamento da coleção. Entre os 36 volumes publicados até 2004, mais de 20 veiculam a produção de diversos cronistas brasileiros como Rubem Braga, Carlos Drummond de Andrade, Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino (os quatro pioneiros dos cinco volumes iniciais), Machado de Assis, Stanislaw Ponte Preta, Rachel de Queiroz, Carlos Eduardo Novaes, José Carlos Oliveira, Lourenço Diafria e outros mais recentes. No decorrer dos lançamentos dos volumes, por vezes a editora afastou-se do gênero, dedicando números ao conto ou ao poema, mas o retorno à crônica sempre foi uma constante, como ocorreu entre as décadas de 1980 e 1990, quando após seis volumes de contos houve uma retomada com sete números exclusivos de crônicas. Uma provável explicação para este fato é o sucesso absoluto que tiveram os cinco primeiros volumes da coleção: no conjunto foram 91

edições, o que aponta para cerca de 300.000 exemplares vendidos até hoje. Se não são números tão apelativos quanto os maiores de Verissimo apresentados ainda há pouco, é preciso lembrar que os volumes da “Para Gostar de Ler” com certeza representam daqueles casos de livros mais lidos do que vendidos, dada sua penetração no ambiente escolar e junto ao público infanto-juvenil.

A outra coleção a ser destacada tem história bem mais recente, todavia também expressiva. Trata-se de “Melhores Crônicas”, da Editora Global. Depois de aproximadamente 20 anos dedicados a duas coleções bem sucedidas — “Melhores Contos” e “Melhores Poemas” —, a empresa resolveu apostar em maio de 2003, no gênero crônica, começando com um volume destinado à produção de Machado de Assis. Em apenas um ano e meio, foram publicados nove títulos, o que nos leva a interpretar o investimento como uma medida sem grandes temores, disposta a permanecer e a seguir os passos das coleções anteriores que contam com mais de 30 volumes de contistas e mais de 40 dedicados a poetas. Entre os títulos já publicados, seguiram-se livros de José de Alencar, Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Marques Rebelo, Lêdo Ivo, Affonso Romano de Sant’Anna, Ignácio de Loyola Brandão e José Castello. Além desses, há mais 9 no prelo, dentre os quais se destacam coletâneas de Lima Barreto, João do Rio e Raul Pompéia.

O respeito obtido pelos livros de crônicas passa também por uma espécie de reconhecimento oficial. Em 2002, o Exame Nacional de Cursos, popularizado no meio universitário como “Provão”, determinava que os concluintes dos cursos de Letras prestassem uma avaliação em cujo programa constava uma lista de obras literárias. Na lista, entre textos de brasileiros, como Machado de Assis e Guimarães Rosa, portugueses, como Gil Vicente e Camilo Castelo Branco, além de outros europeus

como Shakespeare e Goethe, aparecia o nome de Rubem Braga, com seu *Ai de ti, Copacabana!*. Tratava-se de uma chegada definitiva ao cânone. Ou da elasticidade de seus parâmetros, pois afinal também integrava a lista o poeta Patativa do Assaré. Esta incorporação não passou ilesa, porém, a despeito do reconhecimento de um escritor como Braga. O pró-reitor da Universidade São Marcos, instituição paulista, Álvaro Cardoso Gomes, ocupou as páginas da edição de domingo do *Estado de São Paulo* (Cf. Gomes, 2002) para protestar contra a deferência ao cronista, mas a lista já estava definida e a presença de um livro de crônicas firmava-se como um registro que contraria certos deslizamentos como a insatisfação preconceituosa do pró-reitor ou o esquecimento de Alfredo Bosi que não menciona o nome de Braga uma vez sequer em sua *História concisa da Literatura Brasileira*.

Todos esses apontamentos colhidos e apresentados aqui têm múltiplas motivações e finalidades. Parece ter ficado claro que o mercado editorial, há vinte ou trinta anos, tem acreditado mais na viabilidade da publicação de livros de crônicas. Mais do que isso, recentemente pode-se falar mesmo em um entusiasmo do setor com base em iniciativas relevantes que dão retorno satisfatório. Em função deste movimento, é de se supor a existência concreta de um público leitor e consumidor para estas obras. Afinal, as editoras não lançam tantos desses produtos para que fiquem acumulando poeira nas estantes de livrarias. Resta aguardar que o meio acadêmico corresponda a estas tendências, aproveitando cada vez mais este afluxo para dinamizar os estudos nas diversas áreas do conhecimento, para ir buscar no cotidiano encadernado a matéria para reflexões e descobertas incessantes.

T & M

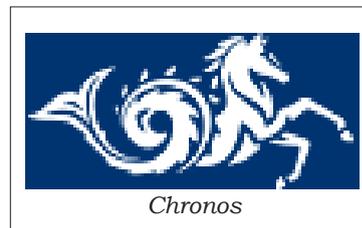
[Texto recebido em maio de 2004].

SOBRE O AUTOR:

Luiz Carlos Santos Simon é Doutor em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor Adjunto de Teoria da Literatura e Literatura Brasileira na Universidade Estadual de Londrina.

REFERÊNCIAS:

- ARRIGUCCI JR., D. "Fragmentos sobre a crônica". In: ---. *Enigma e comentário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CANDIDO, A. "A vida ao rés-do-chão". In: CANDIDO, A. [et al]. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- COELHO, M. "Notícias sobre a crônica". In: CASTRO, G. de; GALENO, A. (Orgs.) *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras, 2002.
- COUTINHO, A. "Ensaio e crônica". In: --- (Dir.); COUTINHO, E. F. (Co-Dir.). *A literatura no Brasil*. v. 6. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: EDUFF, 1986.
- GOMES, A. C. "Nem Mallarmé nem Patativa do Assaré". *O Estado de São Paulo*. 07 abr. 2002. p. D4.
- GRAIEB, C. "O autor que é uma paixão nacional". *Revista Veja*, 12 mar. 2003. p. 75-80.
- MOISÉS, M. *A criação literária*. v. 2. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1982.
- NEVES, M. S. "História da crônica. Crônica da História". In: RESENDE, B. (Org.). *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio: CCB, 1995.
- PORTELLA, E. "A cidade e a letra". In: ---. *Dimensões I*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.



Universidade Estadual do Oeste do Paraná
REVISTA TEMAS & MATIZES
www.unioeste.br/saber